

RELAÇÕES DE GÊNERO NOS CURSOS DE FÍSICA DA UFMA-BACANGA

*Joyce Silva Pinto*¹

*Maria Consuelo Alves Lima*²

Resumo: Este estudo buscou ouvir alunos e alunas de cursos de Física na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), motivado por reflexões sobre um machismo estrutural e extremamente naturalizado nesses cursos. Discute-se a questão de gênero com estudantes de graduação e pós-graduação em Física. Na literatura, constatou-se uma forte base teórica em trabalhos publicados em periódicos da Capes e para a coleta de dados foram entrevistados 18 estudantes, sendo 10 mulheres e 8 homens. Buscou-se, nas respostas dos estudantes, subsídios para entender relações resultantes da presença da mulher no ambiente acadêmico e em diferentes níveis de formação. Apoiada em noções de memória discursiva e de interdiscurso, da Análise de Discurso afiliada à Michel Peacheux, constatou-se que, em diferentes estágios da formação dos sujeitos no curso de física, é notória a discriminação sobre as alunas, originando baixa estima como fator de desmotivação, constatando-se o aumento do número de desistência no curso e o aumento da desigualdade entre o número de homens e mulheres na área. O fomento ao debate sobre o lugar da mulher nas áreas das ciências, no sentido de desnaturalizar atitudes de discriminação de gênero, é o principal resultado deste trabalho.

Palavras-chave: Gênero na ciência. Mulheres na física. Curso de física. Análise de discurso.

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro prêmio Nobel na área da física foram premiados 210 pesquisadores e, desses, apenas 3 são mulheres: Marie Currie (1903); Maria Goeppert-Mayer (1963) e Donna Strickland (2018) (ALL NOBEL, 2019), e mesmo após anos de lutas para inclusão das mulheres em vários âmbitos da sociedade, na ciência o número de mulheres está longe do que pode ser considerado uma perspectiva de representatividade ideal.

As mulheres estão cada vez mais presentes nas áreas da ciência, todavia, atitudes sexistas, de colegas e professores, ainda são recorrentes. Dentre as problemáticas abordadas neste trabalho, busca-se compreender, dado o crescimento da população feminina nos cursos de física, como a comunidade acadêmica tem tratado essas mulheres e, até que ponto, ela tem interferido na vida pessoal, na autoestima e, conseqüentemente, no desempenho acadêmico das estudantes. Para analisar a situação na UFMA, reunimos relatos de estudantes de ambos os gêneros, situados em diferentes estágios da carreira, a fim de fomentar o debate sobre questões de gênero.

¹ Licencianda em Física - Universidade Federa do Maranhão. E-mail: joycepinto7@hotmail.com

² Doutora em Física (1996), Professora do Departamento de Física e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Federal do Maranhão. E-mail: mca.lima@ufma.com.

O GÊNERO FEMININO NO CURSO DE FÍSICA

Agrello e Garg (2009) afirmam que “muitas das mulheres que iniciam o curso de física acabam por desistir. Uma proporção maior de mulheres que de homens abandona a física em cada estágio da carreira” (p. 1305-1). Fazendo uma análise dos estudantes da Universidade Federal do Maranhão, nos cursos de graduação em física - licenciatura e bacharelado - entre 2010 e 2019, observamos que esse cenário tem apresentado mudanças. Dos 596 alunos matriculados nesse período, 66,78% cancelaram, 26,67% se mantiveram ativos e 3,18% concluíram o curso. Já entre as 171 alunas, 62,57 % cancelaram, 30 % mantiveram-se ativas e 4,67% concluíram. Esses números surpreendem por trazer uma certa contradição em relação à afirmação de Agrello e Garg, quando afirmam que um número maior de mulheres tende a desistir em relação aos homens, quando de fato, observamos que a porcentagem de mulheres que desistiu nos últimos 10 anos, nos cursos de graduação da UFMA, é menor do que a dos homens. E, embora, o quantitativo masculino no curso seja excepcionalmente maior, quando comparado os índices, observa-se que as mulheres têm persistido nos estudos acadêmicos. Pode-se associar tais índices aos resultados da taxa de crescimento das mulheres no curso, considerando que, de 2000 a 2009, o percentual de mulheres foi de 5,15% e na última década, período de 2010 a 2019, o número percentual aumentou, ficando em 22,3% em relação ao total de matriculados.

No Programa de Pós-graduação em Física (PPGF), desde o seu início, em 2004, foram publicadas 76 dissertações de mestrado, sendo 83 % de autoria masculina e apenas 17 % de autoria do sexo feminino. No mestrado profissional em Física, a desproporção se mantém, 85,5% dos alunos egressos, são homens, contra apenas 12,5% de mulheres. Em relação ao número de teses de doutorado (PPGF), dos 17 titulados, somente uma tese é de autoria de uma representante do sexo feminino (UFMA, 2019a). No corpo docente do curso de Física da Universidade Federal do Maranhão, 76 % dos professores são do sexo masculino e 24 % do sexo feminino (UFMA, 2019b).

Ao mesmo tempo que os dados atuais mostram uma mudança no cenário referente à graduação, quando subimos aos demais estágios da carreira acadêmica, as constatações feitas por Agrello e Garg (2009), em um estudo de 10 anos atrás, se mantém. As autoras revelam que, entre os diversos campos profissionais, a carência de mulheres parece ser mais visível nas Ciências Naturais e Exatas e nas áreas Tecnológicas, e a física, entre todas as ciências, é a área na qual o aumento do número de mulheres tem sido extremamente lento.

APOIO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As questões norteadoras deste trabalho giram em torno de como a comunidade acadêmica tem recebido as mulheres no curso de Física e, de acordo como o tratamento recebido, qual a influência dele na vida pessoal e acadêmica das alunas.

As perguntas buscaram conhecer basicamente: (1) se a pessoa entrevistada já havia sofrido (no caso das mulheres), praticado (no caso dos homens), ou tinha presenciado (para ambos os sexos), situações que geradoras de algum tipo de constrangimento ou desconforto às alunas, envolvendo o fato delas serem mulheres, como piadas, comentários inoportunos ou até mesmo “brincadeiras inofensivas”; e (2) se a pessoa entrevistada acreditava que o modo como a comunidade acadêmica trata as alunas, interfere na carreira e no crescimento das estudantes dentro da Universidade, seja para concluir o curso ou seguir para a pós-graduação.

As questões da entrevista foram elaboradas tendo em vista a análise das respostas com base na Análise de Discurso (AD), seguindo a linha de interpretação de Michel Peacheux, apoiado em duas noções da AD como referencial teórico: memória discursiva e interdiscurso.

A memória discursiva, segundo Orlandi (2007, p. 31), é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”, enquanto o interdiscurso

disponibiliza dizeres, determinados, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (ORLANDI, 2007, p. 43-44)

Tanto a memória discursiva como o interdiscurso refletem sobre as condições histórico-sociais da produção dos discursos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira pergunta, 9 (nove) das 10 (dez) alunas responderam que já haviam sofrido com alguma situação do tipo, enquanto que para todos estudantes do sexo masculino, 8 (oito) entrevistados, 3 (três) relataram que já haviam tecido comentários que colocaram as colegas em possível situação de desconforto, enquanto os outros cinco (5) relataram já haver presenciado alguma situação do tipo.

Os relatos a seguir mostram situações propulsoras de constrangimento e desconforto nas estudantes do sexo feminino dentro do ambiente acadêmico, como pode ser observado. A aluna Maria (nome fictício) declara:

Sim, no período passado eu fiz uma cadeira e eu era a única menina da turma, então, o professor pegava muito no meu pé, só queria que eu fizesse as coisas, [...] ficava fazendo brincadeirinhas que não eram engraçadas, mas que a gente ria pra não fazer confusão, aquela história de manda quem pode obedece quem tem juízo. Vai bater de frente com o professor ele acaba te prejudicando de alguma forma e também já aconteceu entre próprios colegas de piadinhas e tal com mulher, no geral é isso.

A fala da entrevistada quando diz que ri das piadas sexistas feitas pelo professor “para não fazer confusão” e acrescenta que “já aconteceu entre próprios colegas”, nos leva a entender que ela estende a postura adotada para com o professor, também para os colegas que ocupam o mesmo nível hierárquico que ela, que pode ser para manter um bom relacionamento, ser “aceita”. Esse tipo de comportamento reflete as interações entre os diferentes sujeitos: uma pode ser o fato de alguns professores utilizarem de suas posições para intimidar as alunas, ainda que indiretamente; e outra sobre a influência do ato de não adotar uma postura de imposição ao se encontrar em situação constrangedora, fazendo com que atitudes sexistas sejam naturalizadas, quando deveriam ser enfrentadas. Essas relações mostram o quanto faz-se necessário debates sobre gênero na comunidade do curso, para que todos se sintam mais confortáveis ao expor suas opiniões, uma vez que se espera do ambiente universitário que prevaleçam os princípios da liberdade de expressão.

Em relação ao segundo questionamento, 80% das estudantes acreditam que a maneira com que a comunidade acadêmica trata as alunas interfere no crescimento delas dentro da universidade e entre aos alunos 87,5% acreditam nessa realidade.

Entre as alunas, a desmotivação para as mulheres persistirem no curso, seria a falta de reconhecimento de suas conquistas, considerando que em diversas ocasiões se atribui a aprovação em uma disciplina, ou uma boa nota, ao fato de ela ser mulher e, às vezes, suposições de envolvimento com professores em benefício próprio.

“[...] às vezes alguns certos tipos de comentários podem acabar te desmotivando a seguir carreira e tal, porque, por exemplo, tu nunca vais ver alguém desclassificar um homem por algumas coisas e para mulher isso acontece [...]”

Constatamos ainda, em alguns discursos, que é atribuída pouca importância as situações vivenciadas pelas alunas. Em alguns casos, estudantes (mulher e homem) atribuíram às alunas a responsabilidade de definir se uma agressão pode vir a ser uma interferência negativa ou não para sua vida, como se a agressão fosse de responsabilidade de quem a recebe e não de quem a pratica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constamos que tanto mulheres como homens classificam questões de gênero no curso de Física da UFMA danosas para as mulheres, sejam por razões diretas ou indiretas. E ainda se constata que mulheres que não compreendem o quanto certas atitudes tomadas por professores e/ou colegas, por mais desprezíveis que pareceram ser, podem levar a situações agravantes, como casos de assédio moral e sexual.

Entendemos o gênero no ambiente acadêmico do curso de Física da UFMA, seja pelo o não reconhecimento do mérito do trabalho das mulheres ou por assédio moral, como um problema que tem influenciado fortemente no decréscimo do número de mulheres no curso.

REFERÊNCIAS

AGRELLO, D. A.; GARG, R. **Mulheres na Física: Poder e Preconceito nos Países em Desenvolvimento**. Revista Brasileira de Ensino De Física. 2009, V. 31, N. 1, 13050-1-13056.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 7ª. ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

ALL NOBEL Prizes in Physics NOBEL MEDIA AB, 2019. The Nobel Prize, Estocolmo c2019. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-physics>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

UFMA - Universidade Federal do Maranhão. **Departamento de Física**. São Luís, 2019b. Disponível em: <<https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/departamento/professores.jsf?id=980>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

UFMA - Universidade Federal do Maranhão. **Programa de Pós-Graduação em Física**. São Luís, 2019a. Disponível em: <<https://ppgf.ufma.br/index.php?content=page&group=22>>. Acesso em: 29 abr. 2019.